

O PREÇO DA EMOÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES NO CUSTO DO LAZER FUTEBOLÍSTICO NO ESTÁDIO MINEIRÃO ENTRE 1994 E 2018

Felipe Pereira de Queiroz¹

Silvio Ricardo da Silva²

Resumo: A presente pesquisa buscou compreender as transformações econômicas ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018. Para tanto, traçou-se o comportamento no preço dos ingressos durante o período correlacionando com variáveis econômicas representativas, inflação e porcentagem do salário mínimo. Além disso, registrou-se a taxa de ocupação do estádio durante todo período, no intuito de refletir sobre a demanda observada. A fonte utilizada para consulta às informações tabuladas em um banco de dados foram as fichas técnicas conhecidas como Borderôs. Constatou-se que com a reinauguração do Mineirão para Copa do Mundo os preços dos ingressos, que antes apresentavam uma relativa estabilidade entres os diferentes momentos da competição, começaram a funcionar com variações de curto prazo. Os preços tornaram-se dinâmicos, de acordo com a expectativa de público do jogo ou da competição.

Palavras-chave: Economia do entretenimento. Torcer em Estádios. Preço do ingresso.

The Price of Emotion: The Transformations in The Cost of Soccer Leisure at Mineirão Stadium Between 1994 and 2018

Abstract: The present research sought to understand the economic transformations that occurred in the cost of soccer leisure in the Mineirão stadium between 1994 and 2018. For this, the behavior in the price of the tickets during the period was traced correlating with representative economic variables, inflation and percentage of the minimum wage. In addition, the occupation rate of the stadium was recorded throughout the period, in order to reflect on the observed demand. The source used to consult the information tabulated in a database was the datasheets known as Borderôs. It was found that with the re-inauguration of the Mineirão for the World Cup ticket prices, which previously presented a relative stability between the different moments of the competition, began to work with short-term variations. Prices have become dynamic, according to the public expectation of the game or the competition.

Keywords: Entertainment economy. Support in Stadiums, Ticket price.

El Precio de la Emoción: Las Transformaciones en el Costo del Ocio Futbolístico en el Estadio Mineirão Entre 1994 Y 2018

Resumen: La presente investigación buscó comprender las transformaciones económicas ocurridas en el costo del ocio futbolístico en el estadio Mineirão entre 1994

¹ Doutorando e Mestre (2019) pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcida GEFuT/UFMG. Email: felipesocioambiental@gmail.com. Belo Horizonte, Brasil.

² Professor do Departamento de Educação Física Escola Educação Física, Fisioterapia e Terepia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais e Coordenador do Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcida GEFuT/UFMG. Email: prof.srs@gmail.com. Belo Horizonte, Brasil.

y 2018. Para ello, se trazó el comportamiento de los precios de los tickets durante el período, correlacionando con variables económicas representativas, inflación y porcentaje del salario mínimo. Además, se registró la tasa de ocupación del estadio durante todo el período, con el fin de reflejar la demanda observada. La fuente utilizada para consultar la información tabulada en una base de datos fueron los archivos técnicos conocidos como Borderôs. Se encontró que con la reapertura del Mineirão para el Mundial, los precios de los tickets, que anteriormente tenían una relativa estabilidad entre los diferentes momentos del evento, comenzaron a trabajar con variaciones de corto plazo. Los precios se han vuelto dinámicos, de acuerdo con las expectativas de la audiencia del juego o del campeonato.

Palabras Clave: Economía del entretenimiento. Afición em Estádios. Precio de los tickets.

Introdução

O futebol e, mais especificadamente, o torcer em estádios faz parte do imaginário social brasileiro como um lazer tipicamente popular. As discussões, a partir da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, entorno das transformações que envolveram essa prática pautaram-se dentre as diversas questões na dimensão econômica. O encarecimento no preço do ingresso, centralidade do debate, mostrou-se como principal razão para uma percepção, compartilhada nos meios de comunicação, de elitização e consequente exclusão no torcer em estádios.

Como foi possível notar na elaboração dessa pesquisa, o estudo acadêmico de uma série histórica do comportamento dos preços dos ingressos em estádio de futebol é ainda inexpressivo. O preço do ingresso é concebido como variável central na tomada de decisão de ir ao estádio e consequente amplitude de acesso a diferentes classes econômicas. A análise quantitativa dessa variável permite, através de fontes oficiais, quantificar as variações econômicas praticadas na oferta do serviço do lazer futebolístico no estádio. Essa quantificação amplia as discussões sobre a elitização do futebol e mensura, através de referenciais econômicos representativos, o fenômeno.

Tal perspectiva instiga a interlocução entre os envolvidos na produção do futebol: clubes, administradoras de estádio, poder público, torcedores, federações de futebol e mídia. Todos esses atores exerceram e exercem influência no campo do futebol e têm objetivos diferentes e em comum.

O agenciamento desses interesses intermediados por relações econômicas é favorecido por pesquisas que dimensionem quantitativamente a experiência do torcer em estádios. Possibilitando um melhor diagnóstico e possíveis tomadas de decisão por esses agentes, gestores e atores do futebol.

Sendo assim, a presente pesquisa teve intuito de compreender as transformações econômicas ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018. Para isso, traçou-se o comportamento no preço dos ingressos durante o período

correlacionando-o com variáveis econômicas representativas, além de registrar a taxa ocupação do estádio durante o período analisado.

De Onde Partimos e Como Construimos Esta Pesquisa

Construção do problema de pesquisa

Para além das inquietações pessoais que foram sendo alimentadas ao longo das experiências como torcedor, duas percepções motivaram a construção do problema de pesquisa. O primeiro deles foi o debate público sobre o tema elitização e futebol e o segundo: o debate acadêmico ou a ausência, em certo sentido, de estudos que se debruçassem quantitativamente a partir de dados empíricos sobre o tema.

O debate público ora aqui apresentado como uma espécie de termômetro social sobre o tema elitização do futebol foi fruto de uma consulta utilizando o buscador de maior referência - Google.

O objetivo foi trazer para esse primeiro momento um breve estado da arte do ponto de vista acadêmico e do debate público que envolveu a construção do problema de pesquisa. O que notei foi a construção de dois campos de pesquisa distintos que se organizam de forma específica e são relevantes para a presente pesquisa. O primeiro deles trata de uma análise da elitização do futebol como um fenômeno social, político e econômico de exclusão de um esporte historicamente popular. A economia nesse campo foi muitas vezes tratada mais qualitativamente ou através de estudos de dados secundários, não produzidos pelo autor. A tese defendida trata da elitização como um fato e o tom do debate busca um caminho para resistência desse movimento em curso.

Em contrapartida, existe um outro campo de pesquisas e publicações que busca respostas na economia para diagnosticar a ineficiência da gestão financeira do futebol brasileiro. O termo muito utilizado é a indústria do futebol e o espetáculo esportivo como um produto que necessita de máxima eficiência e eficácia econômica. Nesses casos, percebe-se a presença de mais análises quantitativas para elaborar estudos críticos sobre temas recorrentes como o marketing esportivo no futebol e a gestão dos clubes.

As consultas tiveram um caráter ilustrativo desse cenário, reconhecendo de antemão sua limitação de alcance e representatividade tanto no debate público, quanto no privado. A sua posição introdutória reflete o propósito desta seção: traçar uma narrativa que se aproxime da trajetória de amadurecimento da pesquisa.

Metodologia

O recorte espacial em questão buscou compreender os desdobramentos econômicos do fruir do lazer futebolístico em estádios.

Entretanto, reconhece-se que essa expressão de lazer acontece em outros espaços no âmbito público e privado – bares, casa, smartphones – mas que é na origem da produção do espetáculo que busquei compreender suas transformações.

O estádio escolhido foi o Mineirão, o qual compartilha com o [Estádio] Independência, durante todo recorte temporal, o espaço de Belo Horizonte para realização das partidas oficiais do calendário brasileiro. O objetivo de restringir a análise para o estádio Mineirão trata de uma adequação a sua representatividade no cenário esportivo local e nacional, assim como na centralidade que exerce nas transformações envolvendo os megaeventos – em especial a Copa das Confederações e a Copa Mundo. Sendo importante ressaltar que a partir de 2012 o Atlético-MG começa a utilizar mais sistematicamente o estádio Independência, compartilhado com o proprietário América-MG. Notou-se uma redução na participação quantitativa dos jogos dessa primeira equipe no estádio Mineirão.

O recorte temporal proposto foi o intervalo dos anos entre 1994 e 2018, no qual se iniciou o plano real e o futebol vivia um momento de transição influenciado por um movimento internacional de reestruturação do esporte desde dos anos 1980³. O ciclo de análise termina no fim do período máximo de coleta e tabulação dos dados do mestrado.

O intuito foi trabalhar com uma série histórica que permitisse monitorar as transformações vivenciadas pelo futebol nos últimos anos, como é o caso dos megaeventos esportivos. Além de compreender – com maior recenticidade possível dos dados – comparações observadas no debate público e no imaginário social construído de um futebol popular nos anos 1990, que foi se transformando no início dos anos 2000 até a discussão da elitização pós-reforma para os megaeventos esportivos.

A periodização contribuiu na compreensão do tema, na medida em que compartilha elementos dos dois eixos estruturais da pesquisa – economia e futebol – em um período chave para entender o futebol brasileiro e o modelo econômico contemporâneo.

No âmbito empírico, a pesquisa pretendeu, a partir da variável – preço do ingresso, construir um desenho da evolução do custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão. Esse parâmetro econômico é o elemento central demonstrativo na composição do custo, sendo possível notar outros como transporte, alimentação e bebidas – mas que estariam sobre um regime e influência de flutuações macro e microeconômicas diferentes, as quais distanciam-se do escopo proposto e, portanto, não foram analisados.

Cabe ressaltar que, para a presente pesquisa, o preço do ingresso é o fator determinante na tomada de decisão do consumo do lazer em estádios, sendo elemento central na composição das relações de demanda e oferta.

³ Ver PRONI, M. W. (1998). Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, Unicamp.

O preço dos ingressos foi analisado a partir de alguns critérios que consideram a diversidade do espetáculo esportivo em seu âmbito espacial e econômico. Para tanto, buscamos identificar o comportamento dos preços em competições estaduais, nacionais e internacionais. Além das fases, momentos diferentes na competição, ou seja, preço do ingresso na fase classificatória, em etapas eliminatórias, decisões de campeonato ou jogos de maior apelo devido a rivalidade dos clubes. O objetivo dessas escolhas foi compreender a produção do espetáculo esportivo e seu direcionamento e cerceamento econômico no acesso a certos tipos de emoção.

Como dito, a presente pesquisa buscou analisar o comportamento do preço dos ingressos comercializados no Estádio Mineirão durante os anos de 1994 e 2018. A fonte utilizada para consulta das informações tabuladas foram as fichas técnicas conhecidas como Borderôs. Esses documentos estavam disponíveis no site oficial do EM no subitem – ficha técnica – dentro da aba “O Mineirão”⁴.

Os arquivos consultados até 2010 foram gerados por escaneamento digital a partir de impressos físicos disponibilizados no formato de leitura “PDF”. Os dados referentes aos anos posteriores estavam parcialmente disponibilizados, também em formato “PDF” – com a diferença que foram gerados digitalmente – e o restante descrito no corpo do texto do site.

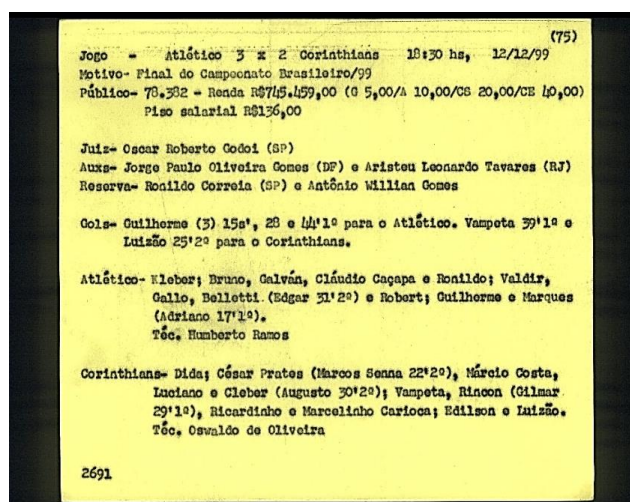


Figura 1: Exemplo de borderô até 2010 em formato pdf (escaneado de documento físico). Disponível no site oficial do Estádio Mineirão.

⁴ Disponível em: <http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos/> - Acesso em 25 de maio de 2019.



FICHA DE JOGOS NO MINEIRÃO
MINEIRÃO INFORMA

JOGO: CRUZEIRO ESPORTE CLUBE 0 X 1 CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA
 DATA: 26/11/2017 HORÁRIO: 17H
 MOTIVO: CAMPEONATO BRASILEIRO
 ÁRBITRO: RAPHAEL CLAUS - SP (FIFA)
 ASSISTENTE 1: EMERSON AUGUSTO DE CARVALHO - SP (FIFA)
 ASSISTENTE 2: ALEX ANG RIBEIRO - SP
 QUARTO ÁRBITRO: ALBERTO POLETTO MASSEIRA - SP

GOLS

TIME: CRUZEIRO

1º TEMPO: -

2º TEMPO: -

TIME: VASCO

1º TEMPO: 20min (03-PAULÃO)

2º TEMPO: -

CLUBES	CRUZEIRO		SUBSTITUIÇÕES		VASCO		SUBSTITUIÇÕES	
	Nº	NOME	Nº	NOME	Nº	NOME	Nº	NOME
TITULARES	12	RAFAEL			01	MARTIN SILVA		
	29	LUCAS ROMERO			02	MADSON		
	03	LÉO			03	PAULÃO		
	28	DIGÃO			04	ANDERSON MARTINS		
	17	BRYAN			08	HENRIQUE		
	16	LUCAS SILVA	11	ALISSON (10min2ºT)	05	WELLINGTON		
	08	HENRIQUE			07	EVANDER	14	JEAN (INT)
	19	ROBINHO	14	JUDIVAN (29min2ºT)	08	YAGO PIKACHU		
	30	THIAGO NEVES			11	PAULINHO	20	WAGNER (17min2ºT)
	70	RAFINHA			10	NENÉ	17	MATEUS VITAL (23min2ºT)
	10	DE ARRASCAETA			09	ANDRÉ RIOS		
RESERVAS	37	LUCAS FRANÇA	23	ÉLBER	12	GABRIEL FELIX	19	PAULO VITOR
	21	LENNON	14	JUDIVAN	13	RAFAEL MARQUES	20	WAGNER
	35	MURILO	31	CARECA	14	JEAN	21	EDER LUIS
	32	ARTHUR	46	VICTOR LUIZ	15	BRUNO PAULISTA	22	GILBERTO
	34	NONOCA			16	ALAN	23	ANDREY
	18	MESSIDORO			17	MATEUS VITAL		
	11	ALISSON			18	CAIO MONTEIRO		
TECNICO: MANO MENEZES				TECNICO: ZÉ RICARDO				

PÚBLICO PRESENTE: 14.930

PÚBLICO PAGANTE: 12.212

RENDA: R\$ 256.355,00

AV. ANTONIO ABRAHÃO CARAM 1001 . SÃO JOSÉ . BELO HORIZONTE . MG . BRASIL
 CEP 31275-000 . TELEFONE GERAL +55 31 3499.4300 . TELEFONE OUVIDORIA +55 31 3499.4333

ESTADIOMINEIRAO.COM.BR



Figura 2: Exemplo de borderô a partir de 2013, gerado no formato pdf. Disponível no site oficial do Estádio Mineirão.

CRUZEIRO 1X0 BOTAFOGO

21/09/2016

Oitavas de final da Copa do Brasil

Público: 10.604 pagantes/ Renda: R\$ 176.106,00

Gol: Bruno Rodrigo, aos 36' 1º tempo para o Cruzeiro

Árbitro: Marcelo Aparecido de Souza - SP

Auxiliares: Fabiano da Silva Ramires e Herman Brumel Vani

Cruzeiro: Rafael, Lucas, Manoel, Bruno Rodrigo e Edimar; Henrique, Ariel Cabral (Denilson), Rafinha e Arrascaeta; Elber (Alisson) e Ramón Ábila (Willian). Técnico: Mano Menezes

Botafogo: Helton Leite; Diego, Emerson Silva, Renan Fonseca e Victor Luis; Bruno Silva, Rodrigo Lindoso (Vinícius Tanque), Dierson e Leandroinho; Salgueiro (Rodrigo Pimpão) e Luís Henrique (Gervasio Núñez). Técnico: Jair Ventura

Cartões amarelos: Leandroinho, Emerson, Gervasio Núñez e Victor Luis (Botafogo)

21/09/2016

Figura 3: Exemplo de borderô a partir de 2013, disponível no formato descritivo no corpo do site. Disponível no site oficial do Estádio Mineirão.

A pesquisa prévia do conteúdo e da qualidade de preservação dos dados – requisito para elaboração do banco de dados – permitiu identificar um desafio e/ou adequação de pesquisa. As informações que constam nos borderôs apresentam semelhanças e diferenças. Essa ausência de padronização exigiu que o banco de dados fosse construído a partir dos pontos em comum capazes de comparação em uma série histórica ao longo de vinte e cinco anos.

Sendo que as informações que ora se apresentavam como um detalhamento não compartilhado por todos os Borderôs, mas relevante para pesquisa, foram registradas em anotações separadas para contribuir na análise. A opção por essa metodologia buscou contemplar as informações estatisticamente tratáveis e com grau de confiabilidade compatível com estudo científico. Ao mesmo tempo que alguns elementos pontuais sugeriram ou abriram um campo de discussão e hipótese também cientificamente relevantes, foram apontados em um caderno de ocorrências.

Os borderôs tinham em comum as seguintes informações: times participantes, placar, data e hora de realização da partida, motivo, público⁵, renda, árbitros da partida, escalação dos times e técnicos das equipes. As informações que não foram compartilhadas por todos os registros: preço dos ingressos por setor do estádio, piso salarial referente ao período do jogo, ocorrências, hora dos gols, público presente e público pagante.

Considerou-se para esta pesquisa todo o universo de jogos oficiais envolvendo os times nacionais como mandante da modalidade esportiva futebol profissional jogado por homens. Durante os vinte cinco anos analisados, houve jogos amistosos, jogos da seleção brasileira, futebol profissional jogado por mulheres e partidas oficiais de outras modalidades esportivas como o *Rugby*. Esses registros foram desconsiderados por não pertencerem ao escopo da pesquisa. Para tanto, no período selecionado, aproximadamente 3% dos registros do universo da pesquisa não foram tabulados. Essa ausência se deu pela indisponibilidade da informação de alguns jogos por parte do banco de dados oficial do Mineirão. Ao clicar no diretório referente a esses jogos ocorriam dois problemas: o primeiro, uma mensagem relatava um erro ao inicializar o arquivo PDF referente ao Borderô do Jogo; e segundo, a descrição no corpo do site não apresentava a ficha técnica do jogo. A porcentagem de ausência não é representativa no universo pesquisado a ponto de influenciar a análise.

O banco de dados explorado reúne informações sobre 1175 partidas oficiais entre 1994 e 2018. Destaca-se a ausência de

⁵ Verificou-se em alguns jogos o lançamento do público pagante e presente e alguns casos apenas público. Analisando as informações disponíveis em alguns Borderôs sugere-se que esses dados, quando não explícito, trata-se do público presente. A justificativa para essa interpretação aconteceu com a análise do preço médio comparando público e renda, na medida em que vários jogos o preço médio dos ingressos é inferior ao valor do ingresso mais barato.

observações nos anos de 2011 e 2012, quando o estádio estava fechado para reforma.

Como mencionado, a criação do banco de dados considerou as informações comuns a todos os registros que permitissem uma comparação em uma série histórica e fossem relevantes para análise econômica proposta. Os campos de preenchimento definidos foram: times participantes, placar, data e hora de realização da partida, motivo, público⁶ e renda.

O programa utilizado para criação da interface de preenchimento e registro dos dados foi o Microsoft Access 2013⁷. A opção por essa ferramenta justifica-se por sua capacidade de programação das correlações entre os campos e restrições no preenchimento. A programação foi pensada para travar o registro a partir de padrões preestabelecidos. Foram criados limites para cada campo que evitasse erros na execução da tabulação. Como exemplo podemos citar: o limite de público que excedesse o registro histórico máximo de 132.834, data e hora incompatíveis com essas variáveis, renda acima da máxima registrada R\$ 14.176.146,00. Esses parâmetros contribuíram para maior confiabilidade nos registros e evitaram distorções possíveis na análise estatística.

Figura 4: Interface gráfica do banco de dados desenvolvido no Access.

⁶ A exceção foi a presença dos campos público presente e público pagante. Ainda que os borderôs compartilhem apenas o público presente como regra, alguns apresentavam a informação de público pagante, optou-se pelo registro dessas observações para análises futuras.

⁷ O Microsoft Access é um sistema de gerenciamento de banco de dados capaz armazenar dados e criar apontamentos facilitando a coleta e a organização de informações. Um banco de dados do Access armazena suas tabelas em um único arquivo, junto com outros objetos, como formulários, relatórios, macros e módulos. Os bancos de dados criados no formato do Access 2013 têm a extensão de arquivo .accdb. Disponível em: https://support.office.com/pt-br/article/no%C3%A7%C3%B5es-b%C3%A1sicas-do-banco-de-dados-a849ac16-07c7-4a31-9948-3c8c94a7c204#_toc257378454.

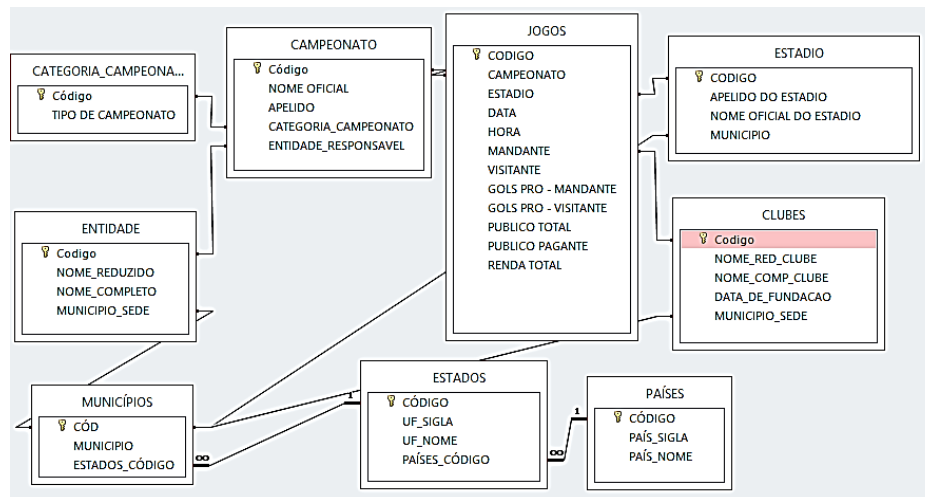


Figura 5: Relação dos campos e apontamentos criados no banco de dados.

Além da melhor operacionalização dos lançamentos e confiabilidade no armazenamento e registro, a criação do banco de dados também envolveu outro interesse, que foi desenvolver uma ferramenta capaz de ampliar o recorte em futuras pesquisas em outros estádios ou mesmo outros períodos do próprio Mineirão – sem a necessidade de desenvolver e programar um novo banco de dados. Todos os apontamentos criados, como demonstrados na imagem acima, permitem que outros pesquisadores também façam uso dessa ferramenta para pesquisas que envolverem outros estádios.

A escala temporal definida associada aos recursos estatísticos e de representatividade percentual permitiram uma análise comparativa do período. As variações de preços observadas ao longo dos anos foram associadas as duas variáveis econômicas que nos permitiram comparação. A primeira delas foi salário mínimo, que dimensiona o comportamento dos preços a partir de um parâmetro representativo à pesquisa – dado que estamos tratando de um lazer historicamente popular. Além disso, o salário mínimo representa a renda média de aproximadamente 60%⁸ dos brasileiros.

Sendo assim, a variável renda tem como proxy⁹ os dados do salário mínimo registrados ao longo do período estudado, os quais foram

⁸ Dados do Censo de 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=P21&uf=00>. Acessado em: 14 de maio de 2019.

⁹ *Proxy* (ou variável *proxy*) é um termo estatístico utilizado na economia para determinar uma variável que não é diretamente relevante por si só, mas atua no lugar de uma variável não observável ou não mensurável para descobrir um resultado provável (ex.: analisar a produção de veículos para estimar a produção total de um setor da econômico). Para que a variável proxy tenha êxito é necessário que a correlação estabelecida com o meio estudado seja o mais representativo possível (WOOLDRIDGE, 2005).

consultados no site oficial do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹⁰.

A segunda delas, a inflação, teve como referência do comportamento médio do aumento de preços da economia brasileira, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)¹¹, o índice oficial mais utilizado. Nesse caso, o intuito foi perceber as diferenças entre os valores reais (preço médio do ingresso corrigido pela inflação) e os valores nominais (preço médio do ingresso registrado).

Os dados brutos coletados e tratados estatisticamente nos permitiram tecer reflexões a partir do cruzamento dos dados. Para tanto, foram criados gráficos, variando as abscissas e ordenadas, de acordo com o interesse de análise. Como exemplo, podemos citar: o valor percentual do salário mínimo para fruição do lazer futebolístico (abscissas) ao longo do recorte temporal proposto (ordenadas). Essa abordagem quantitativa dimensiona as transformações sem incorrer em abstrações econômicas pouco representativas.

A metodologia utilizada para analisar os dados registrados no banco de dados foi a estatística descritiva¹². O método consiste em um conjunto de ferramentas que possibilitam o resumo, organização e descrição das variáveis observadas. Essas análises podem ser aplicadas individualmente, ou na comparação de grupos.

Por se tratar de um estudo com observações em um período de 24 anos, foram construídos diversos gráficos de linhas e pontos para auxiliarem na interpretação dos dados e/ou identificação de possíveis anomalias. Gráficos de barras também foram utilizados em análises específicas.

No desenvolvimento do trabalho foi utilizado o software estatístico R, sendo essencial o emprego de dois pacotes: ‘ggplot2’ e ‘deflateBR’. O primeiro aprimorou a construção dos gráficos e o segundo possibilitou os cálculos de ajuste financeiro envolvendo o IPCA.

Apresentação dos Dados

As informações geradas a partir do conteúdo do banco de dados foram organizadas em gráficos. A lógica de apresentação foi partir dos dados mais agregados para os campeonatos específicos. Separado por temas de análise, os subitens compartilham quatro gráficos tendo como

¹⁰ Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=1739471028&module=M>

¹¹ O IPCA é o principal índice que mede a inflação agregada no Brasil. As motivações para a criação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA foi a obtenção de medida geral de inflação. Sendo seu objetivo central medir as variações de preços referentes ao consumo pessoal. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv65477.pdf>

¹² Ver FARIAS, A. M. L.; LAURENCEL, L. C. . Estatística Descritiva. 2000. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Apostila). Disponível em: <http://www.professores.uff.br/anafarias/mmaterail-didatico/>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

base o preço médio dos ingressos¹³ e o público presente: porcentagem do salário mínimo, preço médio dos ingressos corrigidos pela inflação ano a ano X preço médio dos ingressos reais (praticados), inflação ano base 2018 e média de público por jogo.

A porcentagem do salário mínimo¹⁴ em cada cenário teve intuito de discutir, a partir de uma variável de renda, a proporção média representativa da escolha econômica na fruição do lazer esportivo.

O segundo grupo de gráficos buscou comparar o comportamento do preço médio do ingresso a partir de 1994 considerando o preço praticado e o preço hipotético se os mesmos fossem corrigidos ou indexados¹⁵ ao IPCA (inflação¹⁶). O objetivo desses gráficos foi compreender como a microeconomia do futebol, mais especificadamente o preço do ingresso, relaciona-se com o mercado amplo. O quanto o futebol é sensível ao comportamento geral da economia.

Os gráficos denominados “inflação ano base 2018” tiveram o intuito de trazer para percepção do ano de 2018 o preço praticado dos ingressos ao longo de todo período. Cabe ressaltar que esses preços devem ser relativizados em certo sentido pelas pequenas distorções econômicas envolvidas na correção apenas pela inflação agregada e na percepção individual presente na microeconomia. Entretanto, essas informações cumprem o propósito de materializar a discussão de uma forma mais representativa para o torcedor.

E, por fim, a média de público presente, além de compor o cálculo do preço médio dos ingressos, também é objeto de análise. O objetivo foi quantificar a demanda, ou seja, durante o período estudado quantas pessoas foram ao estádio. Sendo possível pensar sobre a oferta de lugares no estádio e um índice médio de ocupação ou taxa ocupação média do estádio Mineirão.

Cenário geral

¹³ O preço médio dos ingressos foi calculado a partir do quociente entre a renda do jogo e público presente.

¹⁴ A Constituição Federal de 1988 preceitua no Art.6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. IV - salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;

¹⁵ Para Mankiw (2001, p.523) indexação é correção automática, determinada por lei ou contrato, de uma quantia pela inflação.

¹⁶ O conceito de inflação adotado por Mankiw (2001) é correspondente ao utilizado para compor o índice de inflação adotado pela pesquisa (IPCA). Para o autor, em nossa economia, os preços tendem a crescer ao longo do tempo e este aumento no nível geral dos preços chama-se inflação.

A composição desses gráficos considerou todos os jogos oficiais realizados em cada ano. Nesse caso, compõe não só os campeonatos que serão analisados separadamente – Brasileiro, Copa do Brasil, Libertadores, Campeonato Mineiro e Copa Sul-Americana – mas também campeonatos que existiram por tempo determinado. Como, por exemplo, a primeira liga, copa sul minas e copa centro-oeste.

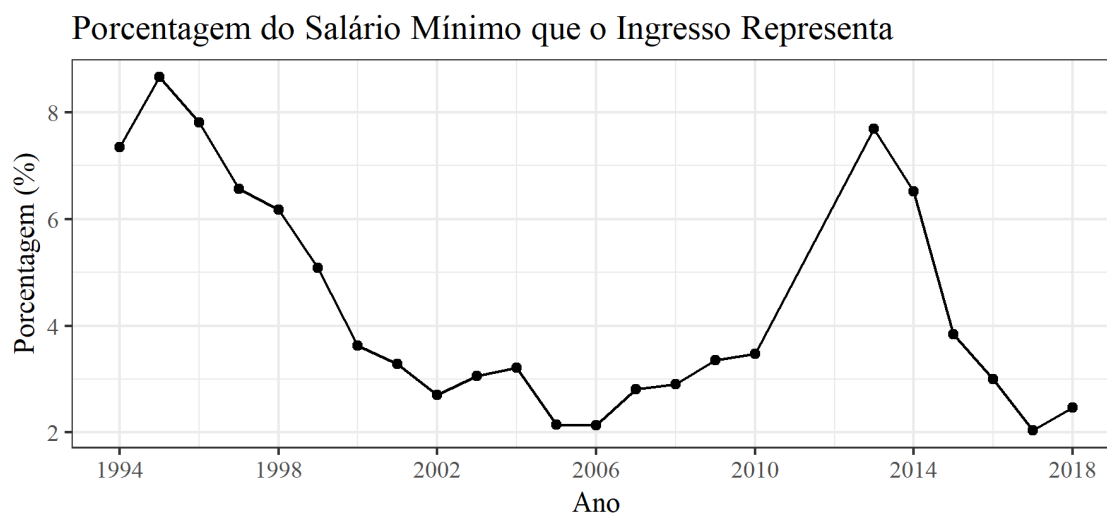


Gráfico 1: Porcentagem do Salário Mínimo que o Ingresso Representa

Quando comparado o preço médio do ingresso em relação ao salário mínimo, destaca-se a alta proporção nos anos iniciais do estudo. Em via de regra, o valor médio pago por jogo sempre representou menos que 10% do valor do salário mínimo.

A composição do gráfico 1 indica alterações que são resultado da mudança na relação entre as variáveis que o compõe. No período entre 1994 e 2006 observa-se uma queda sistemática que, quando desagregada, justifica-se pelo aumento do salário mínimo. A variação dos preços, como observado no gráfico a seguir, é pouco determinante para configuração do comportamento em relação ao salário mínimo.

O segundo movimento observado a partir de 2010 já é determinado pela variação dos preços dos ingressos.

Se analisada a taxa de variação por ano é possível notar que do ano de 2010 para 2013 a porcentagem que o preço médio representava no salário mínimo cresceu muito mais rápido do que os anos anteriores, período no qual ocorreu as obras da reforma do Mineirão para Copa do Mundo, sendo sua reinauguração no início de 2013.

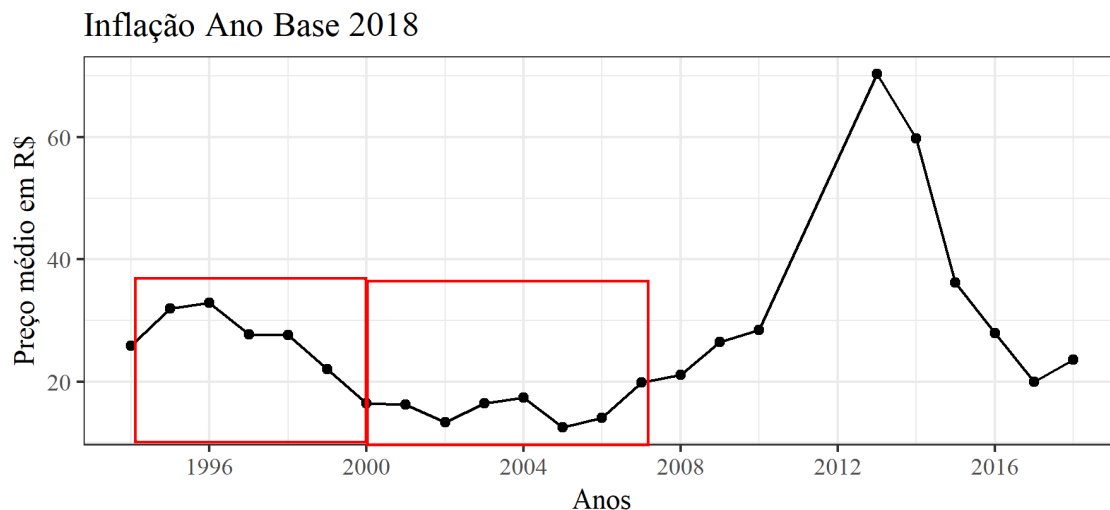


Gráfico 2: Inflação Ano Base 2018

De um modo geral, o preço médio dos ingressos a cada ano da série ajustado para o ano base de 2018 manteve-se abaixo de R\$ 40,00, tendo como exceções os anos de 2013 e 2014. Esse gráfico teve um intuito de ilustrar, em referência ao ano base 2018, o preço médio dos ingressos. Apesar da inflação ser uma variável econômica representativa, outros parâmetros envolvem a percepção do torcedor no custo do lazer futebolístico em estádios – como renda, expectativa e vínculo clubístico. Um exemplo de renda seria a correlação entre inflação e salário mínimo. A partir dos anos 2000 o salário mínimo começa a crescer acima da inflação, o que gera um aumento no poder de compra real e, possivelmente, uma percepção de maior acessibilidade aos jogos do ponto de vista econômico.

Se separados por quadrantes, a partir do comportamento, percebemos um movimento de queda sistemática até os anos 2000. A partir de então, um período de sete anos onde os ingressos mantêm-se proporcionalmente em seus menores patamares. Em sequência um aumento até 2013, quando atinge o seu ápice e inicia-se um novo ciclo de queda. O final da série mostra uma aproximação dos valores praticados sobre essa análise com o início do período observado.

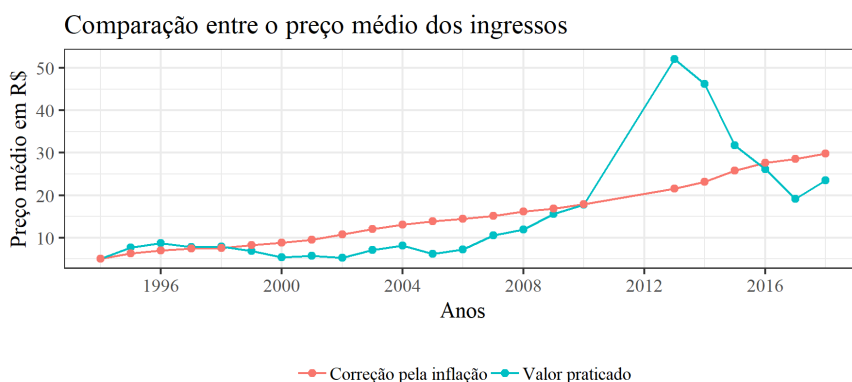


Gráfico 3: Comparação entre o preço médio dos ingressos

No início do período de interesse, o valor do ingresso corrigido pela inflação revela-se bem próximo do valor praticado. A partir de 2000, houve uma maior diferença, ainda pequena, sendo o valor praticado menor do que o valor corrigido pela inflação. Em 2013, esse cenário é alterado, também apresentando maior discrepância entre as curvas. De 2016 a 2018, o comportamento volta a ser como no período dos anos 2000.

O comportamento após 2013 foi uma correção sistemática em quedas progressivas até 2018, quando então percebe-se um aumento que se aproxima da série histórica corrigida pela inflação. Esse movimento é coincidente à oscilação do público presente observada nesse mesmo período, como veremos a seguir na taxa ocupação dos estádios.

Entretanto, observou-se duas diferenças mais notórias: o valor absoluto da média cai em alguns anos, principalmente a partir de 2013 e os preços dos ingressos continuam em declínio após 2013, sem uma movimentação de correção em direção a inflação. A primeira pode ser explicada pelo preço dos ingressos de competições de maior apelo ou de estrutura eliminatória, como a Copa do Brasil e Libertadores. A segunda, pelo aumento progressivo de adesão aos programas de sócio torcedor que criam com fidelização descontos direcionados. Com isso, jogos de menor apelo do campeonato brasileiro tem sido alvo, desde 2017, principalmente pelo Cruzeiro, de uma política de preços mais dinâmica. Para efeito comparativo, o Cruzeiro tinha, no início de 2013, 16.500¹⁷ sócios torcedores ativos¹⁸ e, em 2018, 53.496 – um aumento de aproximadamente 224%.

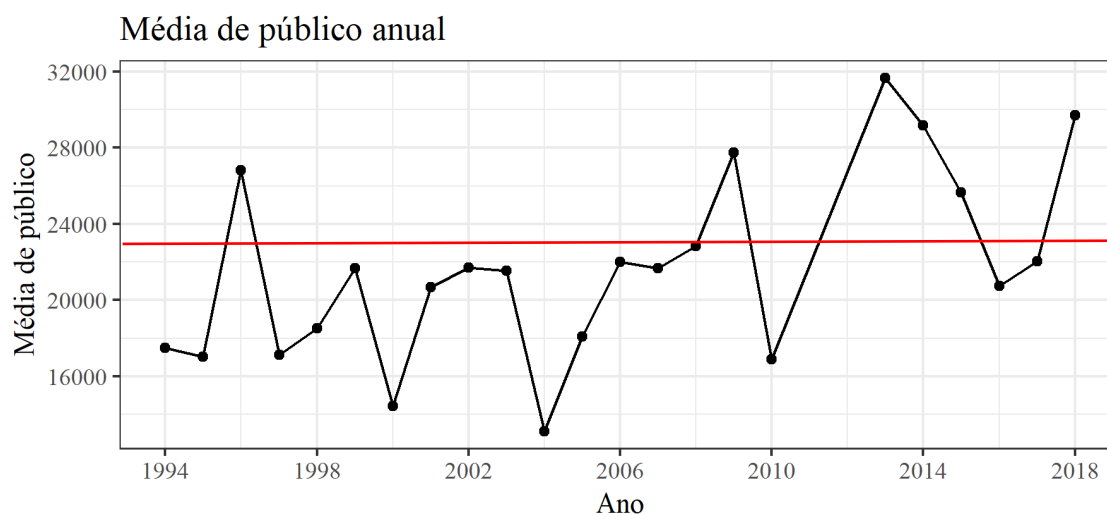


Gráfico 4: Média De Público Anual

¹⁷ Dados disponibilizados pelo clube.

¹⁸ Essa distinção é necessária devida à grande quantidade de torcedores que constavam no banco de dados como sócio, mas que não pagava mensalidade e portanto não gozava dos direitos de desconto aplicados para fidelização do torcedor.

A média de público anual oscilou frequentemente entre os anos de 1994 e 2018. Sendo observado correlações que envolvem política de preços, performance da equipe e campeonatos disputados no ano. Quando pensamos em uma série histórica agregada, são limitadas as inferências gerais que não incorram em análises de casos específicos de campeonatos, ou por um período anual da equipe. Entretanto, o que podemos notar é que nos registros de maior média histórica – os anos de 2013, 2014, 2018 – a ocupação média não atinge 50% da disponibilidade do estádio. Se considerarmos a média mais observada e levar em conta a redução da disponibilidade de lugares após a reforma, as médias não ultrapassam de 30%.

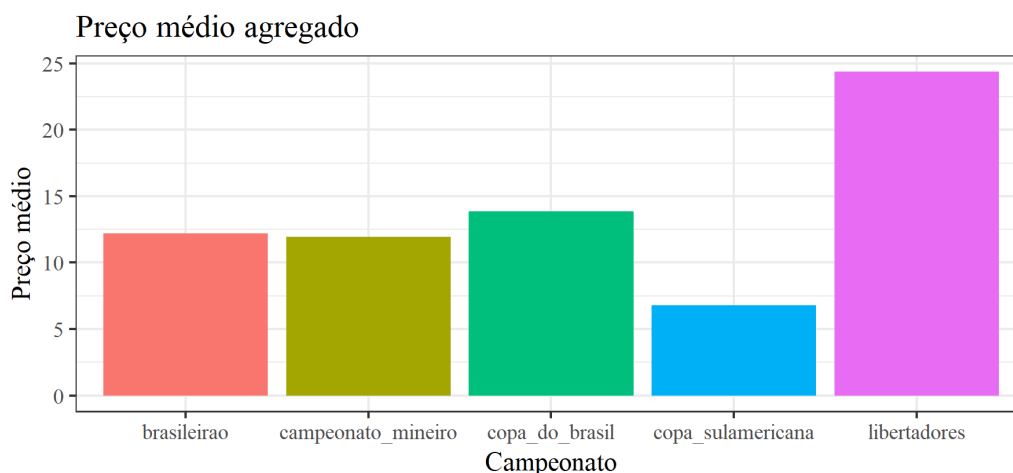


Gráfico 5: Preço médio agregado

O gráfico de barras teve intuito de comparar a relação de forma agregada ao longo de todo o período e o preço médio dos ingressos. Ou seja, somou-se todos os preços praticados por jogo e dividiu-se pelo número de partidas. O que foi possível notar – e será percebido ao longo dos gráficos por campeonato – o lugar de destaque que a Libertadores e, em sequência, a Copa do Brasil apresentam nos valores médios praticados. A estrutura dos campeonatos com poucos jogos, modelo eliminatório e sua relevância no cenário brasileiro dimensiona a emoção e a precificação dela nessas competições. A sul-americana, já percebida como uma competição de menor apelo, mostrou consequências diretas no preço médio.

O preço médio dos ingressos da Libertadores foi superior aos demais. A diferença entre a média de preços registrada para essa competição e para a Copa do Brasil (segunda colocada) foi de aproximadamente R\$10,00. A Copa Sul-Americana, menor valor, foi a única com preço médio abaixo dos R\$10,00.

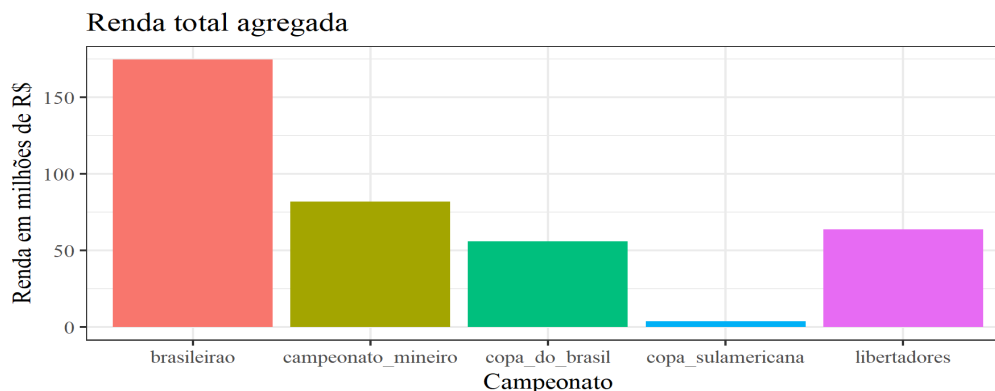


Gráfico 6: Renda total agregada

A renda total agregada envolve o somatório de toda a renda gerada ao longo dos vinte cinco anos por competição. A participação do campeonato brasileiro é notória, sendo mais do que o dobro da segunda observada, campeonato mineiro. Duas variáveis justificam esse cenário, a importância do campeonato e o número de jogos. Ainda que a competição tenha sofrido mudanças ao longo dos anos e mudado sua estrutura, a quantidade de partidas continua sendo a maior observada nos campeonatos. Sendo possível uma comparação com o campeonato mineiro em alguns momentos, mas na série essa diferença torna-se menos relevante quando tratamos de todo o período. Um outro motivo do destaque dessas duas competições é seu caráter compulsório, independentemente de classificação prévia, para os mandantes principais Atlético-MG e Cruzeiro.

A maior arrecadação ao longo do estudo refere-se então ao campeonato brasileiro, devido à maior quantidade de jogos, seguido do campeonato estadual e libertadores. Há certo destaque na diferença entre o primeiro colocado e os demais. A menor renda foi da Copa Sul-Americana, uma vez que os clubes mineiros jogaram poucos jogos por esse campeonato, devido ao modelo da competição, e seu apelo de público reduzido.

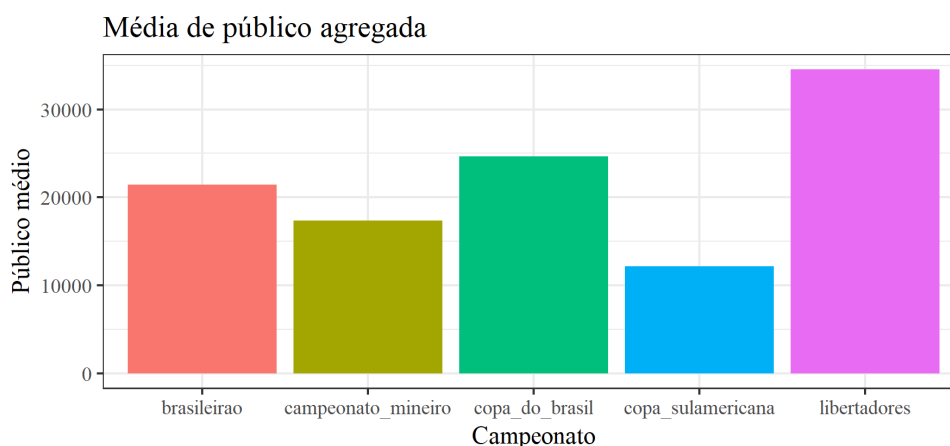


Gráfico 7: Média de público agregada

A média de público corresponde à somatória de todos públicos de cada campeonato dividido pelo número jogos respectivos. Os apontamentos feitos com relação à média de preços corresponde ao observado nesse gráfico. A média de público ao longo dos anos foi superior a 10000 pessoas para todos os campeonatos. A maior média de público foi referente à Libertadores e a menor à Copa Sul-Americana.

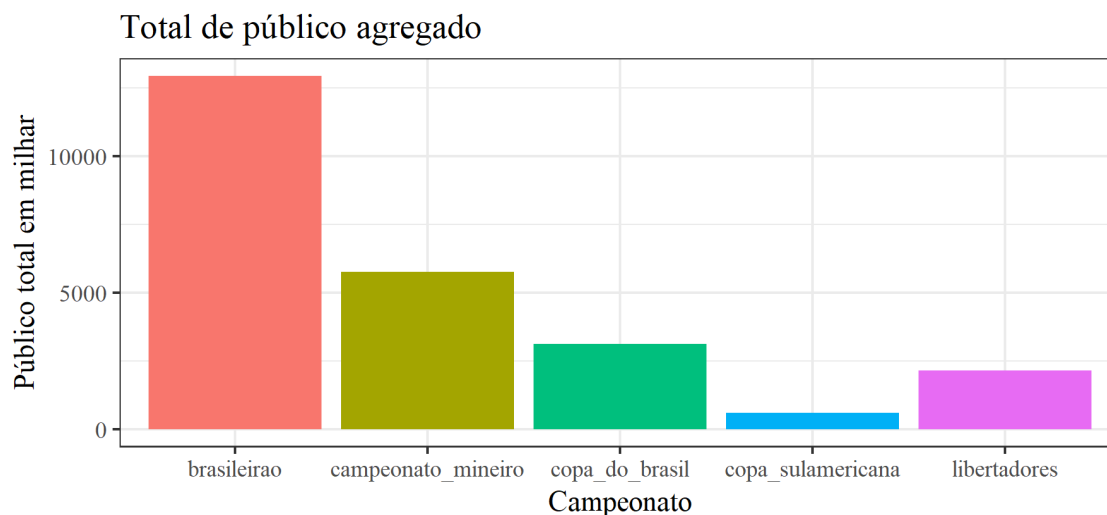


Gráfico 8: Total de público agregado

O gráfico de barras acima corresponde ao total de público somatório de todos os jogos de cada campeonato. Os apontamentos feitos com relação à renda total agregada corresponde ao observado nesse gráfico. Quando analisado o público total ao longo dos anos, o campeonato brasileiro possui valor bem superior aos demais. O segundo maior valor de público agregado diz respeito ao campeonato estadual. A Copa Sul-Americana representa o menor total de público agregado.

Discussão dos Dados

Microeconomia e o torcer em estádios

Para uma análise microeconômica os conceitos de oferta e demanda na determinação dos preços são úteis para refletir sobre o comportamento das oscilações ao longo de um dado período. Cada setor da economia, sendo o fruir em estádios um deles, apresenta mecanismos próprios de funcionamento e regulação que se relacionam mais ou menos com as variáveis macroeconômicas como a inflação e a renda.

O futebol é um mercado complexo, no qual o isolamento de uma variável, máxima da análise econômica, mostra-se como um desafio para interpretação da formação os preços. Ao examinarmos a lei da demanda trazida por Mankiw (2001), percebemos que o torcer em estádios apresenta algumas condicionantes como produto de um mercado de serviços de lazer peculiares.

Uma vez que a quantidade demandada cai quando aumenta o preço e aumenta quando preço cai, dizemos que a quantidade demandada se relaciona negativamente com o preço. Esta relação entre preço e quantidade demandada é válida para maioria dos bens, e de fato é tão disseminada que os economistas a chamam de a lei da demanda: tudo o mais mantido constante, quando o preço de um bem aumenta, a quantidade demandada cai (MANKIWI, 2001, p. 68).

Mankiw, quando exemplifica esse conceito, dá o exemplo do sorvete como bem a ser analisado. Nesse caso, o sorvete comporta-se como um produto genérico que se altera pouco ao longo do tempo. Ou seja, se pensarmos no produto em si, ele transforma-se pouco na perspectiva do usuário final em momentos diferentes do ano. O clima pode influenciar, ou alguma inovação pontual, mas o fato é que esse mercado equilibra-se de uma maneira na qual o teor do produto não influencia tanto no equilíbrio dos preços. Se referindo a esse contexto, Mankiw define

O preço de equilíbrio, a quantidade do bem que os compradores desejam e podem comprar é exatamente igual à quantidade que os vendedores desejam e podem vender. O preço de equilíbrio é as vezes chamado de preço de ajustamento de mercado porque a este preço todo mercado foi atendido (MANKIWI, 2001, p. 80).

A oferta será objeto de análise posterior, nos importa nesse momento olhar para demanda. O futebol como bem ou produto de um mercado tem sua curva de demanda¹⁹ deslocada ou influenciada por diversos fatores intrínsecos. Dois deles nos parecem importantes de ressaltar.

O primeiro é o grau de engajamento do torcedor com o clube que dialoga com que Mankiw (2001) vai chamar de *gostos*²⁰. Apesar da dificuldade de constatar empiricamente e objetivamente a partir de dados quantitativos, o que se constata é uma relação positiva entre as duas variáveis. Ou seja, quanto maior o engajamento, maior a demanda esperada.

O segundo fator relaciona-se com o que o Mankiw (2001) vai chamar de *expectativas*. Podemos inferir correlacionando as variáveis que compõe o gráfico, público e preço médio, que a partir de 2013 esses comportamentos de mercado tornam-se mais presentes. Quando a expectativa da partida foi maior, a curva da demanda é deslocada para a direita, ou seja, os compradores estão mais dispostos a pagar um valor maior por esse jogo.

¹⁹ A curva da demanda mostra o que acontece com a quantidade demandada de um bem quando seu preço varia, mantidos constantes todos os outros determinantes da demanda. Quando um desses determinantes muda, a curva da demanda se desloca (MANKIWI, 2001, p.72).

²⁰ *Gostos* – O mais óbvio determinante para a sua demanda são seus gostos. Se você gosta de sorvete, você compra mias. Os economistas, em geral, não tentam explicar os gostos das pessoas, porque estes se baseiam em forças históricas ou psicológicas que estão fora do campo de estudo da economia. Todavia, os economistas examinam o que acontece quando os gostos mudam (MANKIWI, 2001, p.68).

Entretanto, esse cenário também é influenciado pela variável renda, tratando-se de um produto restrito ao número de lugares do estádio, o grau de deslocamento da curva de demanda é também influenciado pela limitação da renda dos compradores (torcedores).

Dependendo do ajuste feito no preço para equilibrar no curto prazo a demanda influenciada por uma expectativa maior, a diferença de renda dos compradores (torcedores) pode gerar exclusão. Ou seja, se os compradores num universo de todos os torcedores são em sua maioria, mais de 60%, pessoas com renda até um salário mínimo e a oferta é limitada a 65.000 lugares – o que se espera é um tensionamento desigual de classe. Existem no universo de milhões de torcedores 65.000 compradores capazes de suportar o deslocamento da curva da demanda, entretanto, esse processo pode excluir economicamente grande parte dos outros torcedores, ou mesmo produzir o que a economia chama *tradeoff*.

Partindo do princípio da escassez, no qual os recursos disponíveis – no nosso caso a renda do torcedor – são limitados e que as pessoas – para esse momento de análise econômica – tomam decisões racionais. Mankiw (2001) define *tradeoff* como situações em que existe um conflito, em que a escolha de uma coisa implica em não ter ou fazer a outra, gerando às vezes um problema ao se colocar em prática uma determinada solução.

Um exemplo do autor é o clássico *tradeoff* entre “armas e manteiga”, no qual um país deve decidir em investir em um ou outro. Quanto mais for gasto em defesa nacional para proteger o país de agressores (armas), menos se pode gastar com bens pessoais para aumentar o padrão de vida (manteiga). O autor ainda ressalta que o fato de reconhecer que as pessoas enfrentam inúmeros *tradeoffs* não nos diz, por si só, que decisões tomarão ou desejarão tomar.

Esses conflitos na escolha de uma determinada situação são analisados do ponto de vista econômico a partir do conceito de custo de oportunidade, que é aquilo que se abre mão para obter aquele item.

Peguemos como exemplo atual o torcedor e o preço do ingresso. Sendo a renda limitada, o custo de oportunidade na compra do ingresso e na ida ao estádio está ligada ao que se deixa de consumir e o tempo que se gasta para tal fim, respectivamente. Um dos objetivos de analisar o preço do ingresso durante vinte quatro anos é quantificar economicamente esse custo de oportunidade envolvido na tomada de decisão de ir ao estádio.

Ainda que do ponto da expectativa e do gosto um torcedor demande aquela partida e que ele esteja disposto a alocar mais recursos do que usualmente o faz, alguns movimentos de preço serão compatíveis apenas quando essas duas variáveis da demanda se somem a terceira renda.

Comportamento do preço dos ingressos

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi traçar o comportamento dos preços dos ingressos para compreender as transformações econômicas ocorridas durante o período estudado. A introdução cumpriu a função de responder ao objetivo específico, sendo necessário um aprofundamento dos dados no esforço de contemplar parte do objetivo geral.

Para este momento, dois gráficos interessam: inflação ano base 2018 e a comparação do valor real e do valor nominal. Quando analisamos o gráfico geral agregado, percebemos que o comportamento do preço médio dos ingressos ao longo dos anos não apresenta, a princípio, correlações diretas com a inflação. Entre o período de 1994 e 1999 o comportamento dos preços e a inflação tiveram uma correspondência. Um motivo para isso pode ser explicado pela proximidade do início do plano real e estabilização de alguns preços, assim como pela própria metodologia de utilizar o ano de 1994 como ano base. Com tempo, a inflação e o comportamento setorial dos preços, no caso dos ingressos, começa a se distanciar pelas peculiaridades desse mercado microeconômico e sua baixa correlação na formação de preços com o contexto macroeconômico. Como exemplo de setores mais correlacionados com esse cenário, podemos citar o preço de *commodities* ou produtos que são diretamente influenciados por impostos setoriais que sofrem isenções para estímulo ao consumo.

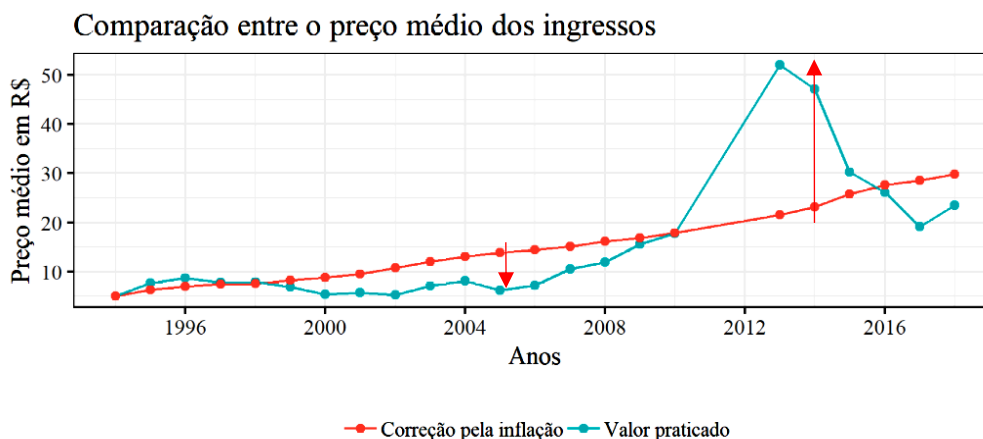


Gráfico 9: Comparação entre o preço médio dos ingressos

Durante dez anos (1999-2008) o preço do ingresso mostra-se inferior se comparado com IPCA. Isso significa que, durante esse período em relação à média dos preços praticados ao consumidor, o futebol se comportava como um bem que se tornava mais barato com o tempo. Essa percepção pode ser observada pelo próprio consumidor quando avaliamos a proporção do ingresso no salário mínimo em queda desde o início da série.

A reta ascendente que começa em 2007 e atinge seu máximo em 2013, com preço médio dos ingressos custando acima dos R\$ 50,00,

marca um período no qual a inflação agora é um parâmetro que gera uma percepção inversa. Nesse momento, se olharmos para inclinação da reta da inflação percebemos que ela é menor do que a dos preços praticados. Ainda que até 2010 os preços permanecendo abaixo ou equivalentes à inflação histórica, a percepção de encarecimento pode ser observada pelo consumidor pela acintosidade do aumento.

O tempo é uma variável fundamental para pensarmos a reação do consumidor. Ainda que no longo prazo possa existir uma coincidência no final do período estudado dos preços praticados versus os preços corrigidos pela inflação, o comportamento das variações ao longo do tempo é que determinam a percepção. Os preços praticados posicionaram-se de maneira deflacionária durante um período, mas o que pode ter determinado a reação dos consumidores e do próprio debate público e privado foram as oscilações abruptas. Conforme o gráfico 3, a diferença é um fator relevante quando discutimos essa comparação dos preços médios. Comparativamente falando, poucos produtos e serviços comportaram-se dessa forma entre 2010 e 2013 no consumo do brasileiro médio.

Sendo assim, o aumento do preço médio dos ingressos após a reinauguração do Mineirão em 2013 talvez seja o ponto crucial na percepção da elitização do futebol do ponto de vista econômico. Se em 2010 o preço médio era de R\$ 17,10 e 2013 foi para R\$ 52,10 – houve um aumento percentual de quase 200%. E se tratando do estádio Mineirão, o impacto do torcedor, levando em conta o período fechado, foi ainda mais contundente. Se pensarmos o torcedor que foi ao jogo Atlético e Ceará no dia 06/06/2010 – último jogo antes da reforma – e retornou ao Mineirão no dia 03/02/2013 para assistir Cruzeiro e Atlético – qual seria sua percepção diante das mudança no preço dos ingressos. A reflexão parte de uma dimensão restrita ao universo econômico, reconhecendo que outras variáveis contribuem para essa percepção. Como, por exemplo, a expectativa gerada pela ausência de jogos por mais de dois anos no estádio Mineirão ou a pela reinauguração.

Quando analisamos os gráficos desagregados, que consideram cada campeonato separadamente, compreendemos melhor que essa coincidência atual no preço médio dos ingressos e o valor corrigido pela inflação devem ser ponderados. O que os dados demonstram é uma relação inferior dos preços do campeonato brasileiro e do campeonato mineiro em relação ao corrigido conforme a inflação. Já a Copa do Brasil e a Libertadores comportam-se de maneira inversa, como também observado nos gráficos da inflação ano base 2018.

Quando conjugamos a análise dos gráficos, geral e específicos, das duas modalidades citadas acima – ano base 2018 e correção pela inflação – percebemos que a tese de que vivemos o futebol mais caro e elitizado da história mostra-se incompatível com os dados. Ainda que ponderações sejam necessárias como o sócio torcedor – objeto de um subitem posterior – a série histórica atenua essas afirmações, quando desconsideramos o triênio pós Copa do Mundo.

Entretanto, os dados ora considerados para gerar todos os gráficos tratam de um somatório geral ou de modalidades competitivas específicas. Essa afirmação acima com relação às diferenças do que foi esperado no debate público e privado, precisa ser aprofundada. Um movimento de desagregar os dados e correlacioná-los de maneira a capturar comportamentos que envolvem momentos de maior apelo e emoção envolvidas mostraram-se necessários. Para tanto, optou-se por trazer dois gráficos que podem ampliar esse debate em cima dos preços dos ingressos.

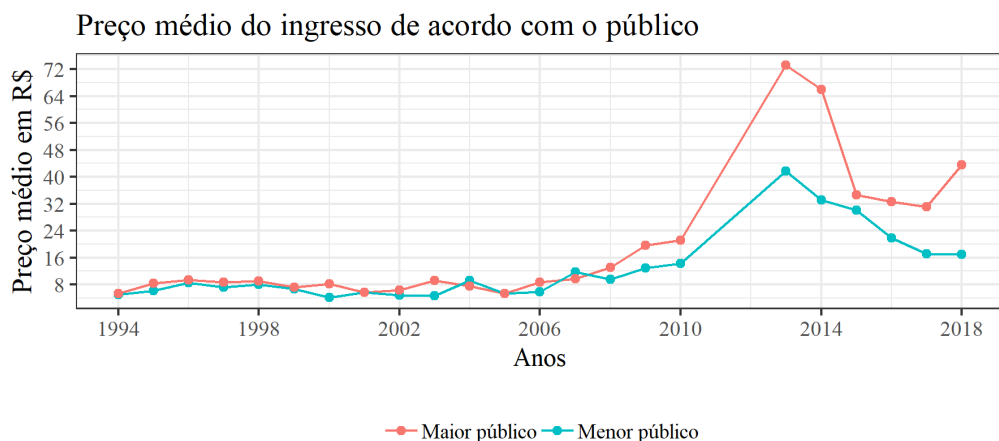


Gráfico 10: Preço médio do ingresso de acordo com o público

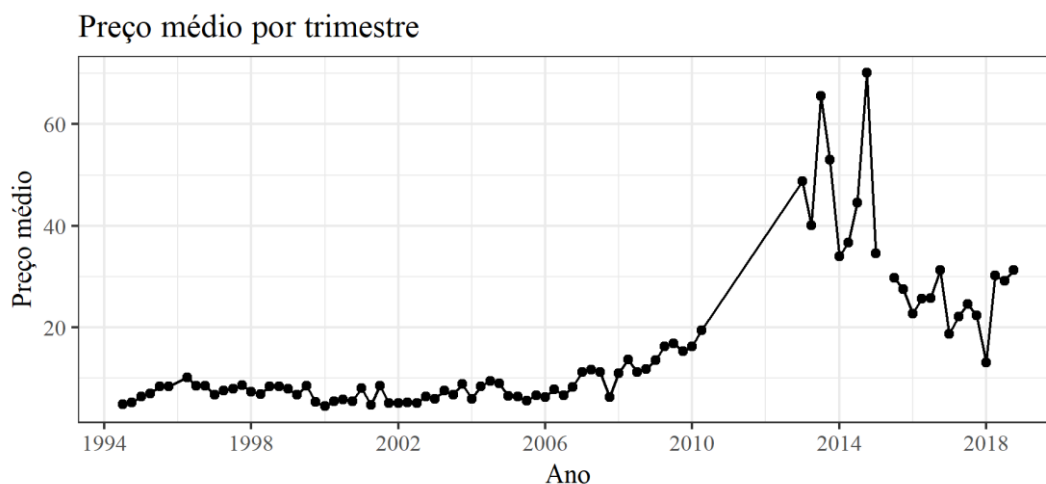


Gráfico 11: Preço médio por trimestre

O primeiro gráfico foi gerado utilizando o preço médio dos dez maiores públicos do ano e dos dez menores. O objetivo foi avaliar o comportamento dos ingressos em momentos das competições que geraram maior demanda e conseqüente emoção esperada envolvida. O segundo foi resultado da formação de preços ao longo dos trimestres, no qual mantém a estratégia de monitorar o preço dos ingressos em fases diferentes do campeonato.

Ambos os gráficos demonstram que no período pós-copa o regime de preços mudou. Se até 2010 o preço dos ingressos variava pouco em momentos diferentes da competição, esse regime estável reconfigura-se em uma nova dinâmica flutuante. Essas assimetrias, em alguns momentos, demonstram variações consideráveis entre jogos de menor apelo e maior. Além dos gráficos, o comportamento do desvio padrão²¹ – ao longo do período – também corrobora essa conclusão.

É importante ressaltar que em jogos de maior público duas variáveis influenciam no aumento do preço médio dos ingressos. A primeira é o próprio aumento do preço dos ingressos em cada lugar do estádio. A segunda é o preenchimento de setores de maior valor que usualmente não são ocupados em jogos menores. Como a metodologia foi aplicada da mesma forma para todos os anos, em uma análise comparativa, esse segundo parâmetro não influencia nas conclusões.

Salário Mínimo

Nesse caso, podemos dimensionar o *tradeoff* envolvido na decisão de ir ou não ao estádio, quando nos debruçamos sobre as peculiaridades econômicas brasileiras, nas quais os torcedores do estádio Mineirão estão inseridos.

O salário mínimo, proxy de renda utilizado na pesquisa, foi criado em 30 de abril de 1938, sendo regulamentado pela Lei nº 185 de 14 de Janeiro de 1936 e pelo Decreto Lei nº 399 Salário Mínimo projetado. Além disso a constituição define no inciso IV do Art. 6º que o valor referente a renda mínima deve ser capaz de suprir as necessidades vitais básicas e às de sua família com: moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)²² divulga mensalmente a atualização do valor do salário nominal em comparação, com o que foi desenvolvido pela instituição desde 1994, com o necessário. De acordo com o DIEESE, o salário mínimo necessário de 2018 foi R\$ 3.960,57, sendo o nominal R\$

²¹ O desvio padrão é uma medida de dispersão e o seu valor reflete a variabilidade das observações em relação à média. Ver BARROS, Henrique; SEVERO, Milton; LUNET, Nuno. Desvio Padrão ou Erro Padrão. Notas Metodológicas. Portugal: Porto. ArquiMed, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/am/v20n1-2/v20n1-2a08.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

²² O DIEESE é uma entidade criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro. Foi fundado em 1955, com o objetivo de desenvolver pesquisas que subsidiassem as demandas dos trabalhadores. Sindicatos, federações, confederações de trabalhadores e centrais sindicais são filiados ao DIEESE e fazem parte da direção da entidade. É uma instituição de utilidade pública que desenvolve pesquisa, assessoria e educação voltadas para os dirigentes e assessores das entidades sindicais e os trabalhadores.

954,00. Os valores cotados são resultados de pesquisa de preços que leva em conta o definido pela Constituição Federal.

Sendo lazer um componente desse cálculo, é importante trazer para a discussão o contexto econômico desigual no qual o é exposto o brasileiro e mais especificadamente o torcedor. Ainda que o futebol possa exercer de forma isolada e privada formas de incentivo e política de preços acessíveis, as limitações existirão quando compararmos a realidade de público e renda dos campeonatos europeus.

O gráfico *porcentagem do salário mínimo* dimensiona a proporção da participação do preço médio dos ingressos na renda de cerca de 60% dos brasileiros. O comportamento observado ao longo do período produziu uma distorção quando comparado com os gráficos que envolvem inflação. Apesar da coincidência observada na alta do fim do ciclo – 2013 até 2015 – o início e sua relação com o resto da série exige aprofundamento.

É nesse momento que percebemos uma condição externa, a macroeconomia, influenciando o universo torcer em estádios. Nesse caso, o que determinou a grande proporção do salário mínimo destinada em relação ao preço médio do ingresso foram as condições econômicas do país no início do plano real. Essa argumento pode ser corroborado quando percebemos que, durante o período de queda na proporção do salário mínimo, a outra variável que condiciona o gráfico, o preço médio dos ingressos, não se alterou. Além disso, o histórico dos valores nominais e necessários do salário mínimo desenvolvido pelo DIEESE contribui para perceber essa melhora na capacidade de compra do salário mínimo. Como exemplo, faremos uma comparação entre o primeiro e último semestre da série.

1994	Salário Mínimo Nominal	Salário Mínimo Necessário	2018	Salário Mínimo Nominal	Salário Mínimo Necessário
Dezembro	R\$70,00	R\$728,90	Dezembro	R\$954,00	R\$3.960,57
Novembro	R\$70,00	R\$744,25	Novembro	R\$954,00	R\$3.959,98
Outubro	R\$70,00	R\$740,83	Outubro	R\$954,00	R\$3.783,39
Setembro	R\$70,00	R\$695,64	Setembro	R\$954,00	R\$3.658,39
Agosto	R\$64,79	R\$645,53	Agosto	R\$954,00	R\$3.636,04
Julho	R\$64,79	R\$590,33	Julho	R\$954,00	R\$3.674,77

Tabela 1: Histórico dos valores nominais do salário mínimo. Arquivos do autor a partir dos dados extraídos dos relatórios do DIEESE.

A proporção entre o salário mínimo e o salário necessário passa de aproximadamente 10% em 1994 para 25% em 2018, fato que atenua

proporcionalmente o aumento dos preços observados entre 2013 e 2015 em relação aos gráficos de inflação.

Ainda que para pesquisas envolvendo renda seja necessário o acesso direto aos padrões de consumo dos torcedores, o que propôs essa análise com proxy de renda o salário mínimo, é dimensionar do ponto de vista popular a escolha envolvida em ir ao estádio.

Para ampliar esse cenário de análise precisamos de informações sobre a demanda, onde o torcedor seria interpelado sobre seus hábitos de consumo e as expectativas com fruir em estádios. O que permitiria desdobrar e compreender os conceitos que envolvem a demanda, aplicados ao futebol. Nesse caso, teríamos a possibilidade de avaliar com mais precisão se torcer em estádios é um comportamento mais elástico ou inelástico²³, ou seja, qual é a sensibilidade da demanda quando o preço aumenta ou diminui.

Taxa de ocupação dos estádios

Os gráficos de média de público apresentados cumprem com o objetivo de registrar a taxa de ocupação do estádio Mineirão durante o período analisado. Conforme observado em cada seção, desde o agregado e os campeonatos específicos, a identificação de padrões de longo prazo foram limitadas. No geral, ao longo dos vinte e quatro anos houve uma oscilação do público que pode ser explicado por análises pontuais em cada ano.

Entretanto, o que podemos notar é que nos registros de maior média histórica – os anos de 2013, 2014, 2018 – a ocupação média não atinge 50% da disponibilidade do estádio. Se considerarmos a média mais observada e levar em conta a redução da disponibilidade de lugares após a reforma, as médias não ultrapassam de 30%. Esses números são ainda menores se considerarmos o desvio padrão envolvido nas médias de público. Ou seja, se tirarmos os valores de jogos de grande público e olharmos para a moda referente ao intervalo de público, vemos que esses números são ainda menores.

Os últimos seis anos foram marcados pela diminuição da discrepância entre os valores que formam a média de público. Nesse caso,

²³ A lei da demanda afirma que uma queda no preço de um bem aumenta a quantidade demandada. A elasticidade-preço da demanda mede o quanto a quantidade demandada responde a variações no preço. Diz-se que a demanda de um bem é elástica se a quantidade demandada responde substancialmente a variações do preço. Diz-se que a demanda de um bem é inelástica se a quantidade demandada responde ligeiramente a variações no preço. O que determina se a demanda por um bem é elástica ou inelástica? Como a demanda por qualquer bem depende das preferências do consumidor, a elasticidade-preço da demanda depende de um grande número de forças econômicas, sociais e psicológicas que moldam os desejos individuais. Contudo, com base na experiência, é possível relacionar algumas regras gerais relativas aos fatores que determinam a elasticidade-preço da demanda (MANKIWI, 2001, p. 94).

observamos mais jogos em sequência no intervalo entre 15.000 e 25.000, em contrapartida de sequência de jogos com 5.000 torcedores e 60.000.

A taxa de ocupação dos estádios relaciona-se diretamente com o conceito de custo marginal.

Embora o custo total médio indique o custo de uma unidade padrão, não nos informa sobre a variação do custo total que ocorrerá quando a empresa alterar de uma unidade seu nível de produção. O aumento do custo total decorrente do aumento de uma unidade produzida é chamado de custo marginal. Ou seja, o custo total médio diz qual será o custo da unidade padrão do produto se o custo total for dividido igualmente entre todas as unidades produzidas. O custo marginal mostra o aumento dos custos totais decorrente da produção de uma unidade adicional (MANKIOW, 2001, p. 278).

Considerando o torcer em estádio como um bem da categoria serviços que contempla as variáveis que compõe a comercialização de um produto, percebemos que esse mercado apresenta uma peculiaridade. A oferta do bem é limitada ao número de lugares pré-definidos na capacidade máxima do estádio. Ou seja, mesmo que o custo marginal esteja compatível com a demanda esperada não é possível expandir a oferta.

Em contrapartida da oferta limitada é a disponibilidade do consumo de mais um lugar mediante ao custo marginal adicional de se receber mais um torcedor. A presente pesquisa não trata diretamente desse assunto e não teve acesso aos cálculos envolvendo os custos. Entretanto, é possível inferir, a princípio, que os custos fixos são proporcionalmente superiores aos variáveis.

Programas de sócio torcedor

Os programas de sócio torcedor (PST) do Atlético-MG e Cruzeiro tiveram sua origem mais notória no período após a reforma do Mineirão. Ainda que o Cruzeiro já tivesse um programa, foi a partir de 2013 que ele começa a ter grande relevância no faturamento do clube e na intermediação no acesso ou compra dos ingressos. Para Santana e Silva (2018) a Copa do Mundo e os programas de sócio torcedor mudaram a relação com o futebol em estádios.

A vivência do torcer no estádio sofreu a influência das reformas dos estádios, pelo menos nas cidades que foram sedes de partidas da Copa do Mundo. Além disso, outro elemento que surge nesse contexto e que influencia essa forma de vivenciar o torcer: são os Programas de Sócio Torcedor (PST). Esses Programas são, sucintamente, um contrato estabelecido entre clube e torcedor em que, a partir do pagamento de mensalidades este tem o direito de assistir as partidas do seu time no estádio ou obter o desconto na compra do ingresso (SANTANA e SILVA, 2018, p.125).

Para os autores, os PST são resultados de um processo em curso no futebol, conectado com a racionalidade econômica neoliberal observada a partir dos 1980. Esse contexto observada nas últimas décadas vem transformando as relações entre os diversos agentes do esporte e é nomeado por Giulianotti (2012) como mercantilização do futebol.

O processo pelo qual um objeto ou uma prática social adquire um valor ou sentido de mercado. A mercantilização não é um processo isolado. É constante, em geral envolvendo a entrada gradual da lógica do mercado aos vários elementos que constituem o objeto ou a prática social sob consideração. Como considero abaixo, a acentuada intensificação desse processo nos últimos anos é de ordem diferente daquela que foi vivenciada até o final da década de 1980, e assim pode ser agora descrita como um período de hipermercantilização (GIULIANOTTI, 2012, p.21).

A dimensão econômica sobre essa perspectiva de transformação do futebol é também vista por Proni (1998) como a consolidação das relações esporte-espetáculo e futebol-empresa. De um lado nós temos uma construção de um esporte que se torna cada vez mais um produto da indústria do entretenimento e deve ser pensando dentro desse lógica como um espetáculo – esvaziando em certa medida dimensões culturais e históricas da prática do torcer. Do outro, o futebol, através dos clubes, gerido a partir de uma lógica empresarial de racionalidade, muitas vezes, dissonante ao histórico do clubismo e associativismo brasileiro.

A pesquisa realizada por Santana e Silva (2018) constatou que os PST afetaram torcer, de um modo geral, a partir das relações do torcedor com a instituição, com o ingresso e com estádio. Os dados mostraram que há entre os sócios um perfil com um maior poder aquisitivo do que entre os não sócios. Dessa forma, o PST, dentre outros fatores, contribuíram para que o público que frequenta o estádio tenha uma maior possibilidade de consumir os demais produtos oferecidos para além da partida de futebol.

Além disso, a proporção de ingressos de sócios e não-sócios, principalmente em jogos decisivos, demonstra a condição, muitas vezes, determinante do acesso ao ingresso em momentos de maior apelo de público. Haja vista o jogo realizado no Estádio Independência em 2015 entre Atlético-MG e Corinthians, no qual pela primeira vez uma partida teve seus ingressos inteiramente adquiridos por sócios torcedores.

É importante ressaltar duas dimensões do perfil do sócio torcedor. A primeira delas é a necessidade de fidelização anual através de cartão de pagamentos mensal ou parcela única. Nesse caso o valor passaria a compor o orçamento mensal do torcedor que representaria, a partir dos dados econômicos de 2018, em média 3% por pessoa do salário mínimo (do plano mais barato que permite desconto e prioridade na compra dos ingressos). Esse valor independe do número partidas ou setor do estádio. Ou seja, deverá ser acrescido o valor gasto a cada partida.

Dessa maneira, o PST, aliado a um conjunto de fatores coincidentes, contribui para o processo de mercantilização do torcer.

Entre esses fatores destacam-se reformas dos estádios para a Copa do Mundo, a influência de outros agentes no campo esportivo, como as empresas de produtos e serviços, que contribuíram significativamente para a ampliação de diversos programas de sócios torcedores. Ademais as reformas dos estádios e os PST alteraram a forma como a torcida se relaciona com o espaço. A primeira por reorganizar o estádio visando em maximizá-lo enquanto espaço de consumo e o segundo, por ser em vários momentos condição necessária para acessar tal espaço, o que determina qual o público que pode participar do espetáculo esportivo (SANTANA e SILVA, 2018, p. 140).

Esse realidade influencia na interpretação dos dados a partir de 2012. Até esse período a composição da renda envolvida dos sócios era proporcionalmente irrelevante. A partir do momento que o sócio torcedor torna-se muitas vezes maioria no estádio, a renda do jogo deve ser ponderada.

O somatório da compra dos ingressos divulgado pelos borderôs em cada partida considera o ingresso adquirido. Uma das vantagens do sócio torcedor é pagar com descontos o ingresso, além da prioridade de compra de todos os setores (inclusive os mais baratos que se esgotam primeiro). Ou seja, tendo vista a proporção de não-sócios oriundos de classes sociais de menor poder aquisitivo, é possível que parte desses torcedores pagam um valor superior ao preço médio dos ingressos. Em muitos casos, o não-sócio paga o dobro do ingresso pago pelo sócio, com exceção dos ingressos adquiridos por meia-entrada ou gratuidade.

Esse cenário demonstra que se considerarmos o viés econômico envolvido no PST correlacionando com os dados da pesquisa, os momentos de encarecimento do preço do ingresso e mesmo os dados gerais estão, sob esta perspectiva, subprecificados se fizermos um recorte de classe. Ou seja, as aferições feitas pela pesquisa devem ser ponderadas sobre esses aspectos. A possível exclusão observada em momentos de maior apelo e o preço médio geral agregado são afetados por essa variável. Ainda que não seja possível para o momento dimensionar esse impacto de forma quantitativa, o PST não compromete as conclusões da pesquisa e sim amplia o debate entorno das possibilidades de acesso econômico ao torcer em estádios.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou compreender as transformações econômicas ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018. Para isso, traçou-se o comportamento no preço dos ingressos durante o período correlacionando com variáveis econômicas representativas, além de registrar a taxa ocupação do estádio durante o período analisado.

Os estudos acadêmicos de uma série histórica do comportamento dos preços dos ingressos em estádio de futebol são ainda inexpressivos. A opção por uma pesquisa quantitativa deu-se pelo interesse de dimensionar economicamente e empiricamente o debate público e acadêmico sobre a elitização do futebol, mensurando através de referenciais econômico-representativos o fenômeno.

Os dados tratados através da estatística descritiva foram capazes de traçar graficamente a evoluções dos preços dos ingressos de maneira que fosse possível identificar padrões e inferir sobre fenômenos internos e externos que influenciam o torcer em estádios. A escolha das variáveis representativas cumpriram a função de dimensionar os resultados econômicos para o debate público e acadêmico.

Algumas constatações foram identificadas como mais relevantes na explicação das transformações ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão. A primeira delas trata da relação da macroeconomia com o mercado de ingressos. A baixa correlação com a inflação observada permite inferir que o preço dos ingressos é pouco influenciado pelo comportamento geral dos preços do mercado.

Porém, do ponto de vista da renda média do torcedor observa-se que as mudanças macroeconômicas, como por exemplo o aumento real do salário do mínimo, contribuem para a dimensionar o custo de oportunidade envolvido na decisão de ir ao estádio. Além disso, escolhas que estão relacionadas à definições na esfera de política macroeconômica, como a escolha de sediar a Copa do Mundo de 2014, produzem efeitos diretos e alheios à autonomia do mercado interno do futebol.

O funcionamento microeconômico explica algumas transformações como a política de preços dinâmicos observados após 2013 e as influências do programa de sócio torcedor. Constatou-se que com a reinauguração do Mineirão para Copa do Mundo os preços dos ingressos que antes apresentavam uma relativa estabilidade entres os diferentes momentos da competição, começa a funcionar com variações de curto prazo com preços dinâmicos de acordo com a expectativa de público do jogo ou da competição. Além disso, o Programa de sócio torcedor mudou a relação de acesso ao ingresso, vinculando parte dos torcedores à uma mensalidade que lhe dá direito a descontos e prioridade de compra.

Esses elementos do universo microeconômico e macroeconômico do futebol somados são os elementos identificados pela pesquisa como principais no debate público e acadêmico de elitização do torcer em estádios, e no nosso caso o Mineirão. Do ponto de vista econômico, estes são os fenômenos empíricos a serem destacados para essa percepção: as observações de relativo aumento geral nos preços dos ingressos antes e depois da Copa do Mundo, a elevação dos preços em momentos de maior apelo em proporções diferentes da observada entre 1994 e 2010 e a política de preços e desconto voltada para o sócio torcedor que encarece desproporcionalmente o acesso ao não sócio.

O fenômeno da elitização apresenta dimensões simbólicas que não foram objeto de análise da pesquisa, mas que cabem ressaltar como barreiras possíveis do lazer futebolístico em estádios. A primeira delas são as mudanças arquitetônicas e de reestruturação do espaço ocorridas pela reforma para Copa do Mundo. O discurso de alinhamento com modelo estético europeu, uma disciplina organizacional do próprio torcer, além intervenções observadas com um modelo americano de espetáculo imperou no discurso de padrão FIFA.

A ruptura temporal de acesso ao estádio (devido ao fechamento para as reformas da Copa do Mundo de 2014), o novo modo de se comportar na arquibancada; as novas modalidades de acesso ao ingresso e somado aos elementos econômicos produzem os contornos da exclusão discutida no ambiente público e privado.

Em contrapartida, avanços são observados nesse cenário como facilidade de torcedores de outras regiões comprarem seus ingressos através do PST. Entretanto, diversos questionamentos são pertinentes: diante a taxa de ocupação dos estádios, os ajustes de curto prazo observados a partir de 2013 para jogos de maior apelo é uma opção eficiente do ponto de vista econômico? A fidelização comercial de um perfil de torcedores de maior poder aquisitivo é eficaz no longo prazo, ou se trata de uma repetição de padrões imediatistas observados em outras esferas do futebol profissional brasileiro - como a gestão dos clubes e dos atletas? Ou seja, um torcedor fidelizado comercialmente não seria mais sensível aos momentos de baixo desempenho da equipe e gerador de renda apenas em momentos de grande apelo? Será que no longo prazo uma fidelização que envolva uma diversidade maior de torcedores não geraria ganhos econômicos mais consistentes, previsíveis e superiores, pensando em escala? Qual o valor econômico agregado indiretamente em marca; produtos de consumo e direitos televisivos de uma torcida com alto índice de fidelização? Com os PST os times não ganhariam mais margem para outras políticas de preço? É possível um maior equilíbrio entre sócios e não-sócios que considere a relevância da fidelização para o faturamento do clube?

Encarado como um bem e diante das percepções de consumo e recursos limitados dos torcedores, o futebol apresenta cada vez mais o que economia chama de bens substitutos. O lazer e a indústria do entretenimento apresentam possibilidades de fruição que concorrem com o torcer em estádios. Para o nosso interesse, essas possibilidades podem ser divididas na esfera do ambiente público e privado, além de pertencer, ou não, ao universo do futebol.

O torcer em estádios, então, disputa espaço diretamente com: o futebol internacional, as modalidades privadas e públicas de assistir um jogo e os próprios jogos digitais. Cabe ressaltar que, concorrentemente, essas atividades também podem agregar a experiência do torcer em estádios. E indiretamente com: shows musicais, cinema, streamings, redes sociais e atividades de lazer ao ar livre.

Se o objetivo na mercantilização do futebol é preponderar a racionalização econômica o que está posto é uma incongruência dessa lógica. Nem se valoriza adequadamente a dimensão histórica e cultural do torcer e nem obtemos uma transformação efetiva no modo de gerenciar economicamente o futebol. Ainda que se observa um resultado na arrecadação e, sendo o futebol um bem, será que do ponto de vista econômica ele está operando em sua maior eficiência e eficácia? Será que essa adequação à lógica da teoria dos preços, de uma avaliação de curto prazo de oferta e demanda a partir da expectativa e do apelo emocional envolvida em uma partida é a mais efetiva? O que podemos aprender com a experiência do próprio futebol brasileiro e a experiência empírica do estádio Mineirão? Como modelos europeus devidamente pensados em seus respectivos cenários podem influenciar positivamente e de maneira crítica nosso cenário atual de taxa de ocupação dos estádios? Como adaptar e extrair o melhor das peculiaridades de cada campeonato com uma política de preços dinâmica coerente?

Tais perguntas instigam o debate necessário entre os envolvidos na produção do futebol: clubes, administradoras de estádio, poder público, torcedores, federações de futebol e mídia. Todos esses atores exercem influência no campo do futebol e têm objetivos diferentes e em comum.

O agenciamento desses interesses intermediados por relações econômicas é favorecido por pesquisas que dimensionem quantitativamente a experiência do torcer em estádios, possibilitando um melhor diagnóstico e possíveis tomadas de decisão por esses agentes, gestores e atores do futebol.

O Estado pode promover o debate, entendendo o futebol como um lazer historicamente construído, assumindo assim uma responsabilidade de intermediação desses atores. Os clubes e a própria concessionária do Mineirão também podem fazer (e já o fazem do ponto de vista do marketing nação azul; time do povo) de forma mais ampliada, com interesse, majoritariamente econômica, essa discussão. Mas não é uma exigência, não se trata de uma obrigação legal, a princípio, do time promover inclusão social pelo acesso a ingressos mais baratos. Porém, o resultado podem extrapolar o faturamento de bilheteria e promover valorização da marca e o real aumento de ganhos indiretos como os direitos pagos pela televisão.

Iniciativas como a estratificação maior do programa sócio torcedor do cruzeiro e promoções agregadas de campeonatos já sinalizam possibilidades de se debruçar sobre o tema. Entretanto, não se percebe efetivamente um plano para ampliar a taxa de ocupação dos estádios e suavizar a exclusão em momentos de maior apelo. Essa racionalidade econômica, somada a uma sensibilidade à produção histórico cultural do futebol, parece ainda não figurar na agenda gestores do futebol.

Por ser uma experiência social complexa, que envolve tomada de decisões econômicas e significados culturais, as iniciativas exigem um ciclo de testes de longo prazo. Esse equilíbrio necessário entre oferta e

demanda é capaz de produzir um caminho de superação do paradigma imediatista do futebol brasileiro.

Este é um trabalho que se propõe a ser um diagnóstico de um fenômeno, que apesar de não focar em estudos de cenários ou soluções possíveis, anuncia com os próprios resultados possibilidades. Outras pesquisas são necessárias para ampliar e aprofundar esse importante debate. O estádio precisa resgatar seu espaço de diversidade econômica, retomando uma maior centralidade na formação do torcedor, promovendo opções de lazer no ambiente público, eliminado ao máximo suas barreiras econômicas e oferecendo possibilidades de acesso a certos tipos de emoção a um número cada vez maior de torcedores.

Referências Bibliográficas

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/703/646>. Acesso em: mar 2019.

MANKIW, N.G. *Introdução à Economia: princípios de micro e macroeconomia*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa I*. Campinas, SP: [s. n.], 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275330>. Acesso em: mar 2019.

SANTANA, T. J. S.; SILVA, S. R. O processo de mercantilização do torcer em belo horizonte: reflexões a partir de um programa de sócio torcedor. *Revista Brasileira De Estudos do Lazer*, v. 5, p. 124-142, 2018.

WOOLDRIDGE, J. M. *Introdução à econometria: Uma abordagem moderna*. São Paulo: Thomson, 2005.

Recebido em 20 de julho de 2021
Aprovado em 16 de fevereiro de 2022